

PIONEIRISMO DE MARIA NADIR VIEIRA LEMOS NA EDUCAÇÃO DE VARJOTA, IGUATU-CE***PIONEERING SPIRIT OF MARIA NADIR VIEIRA LEMOS IN EDUCATION IN VARJOTA, IGUATU-CE***Ruan Pablo Bezerra de Souza¹ - UECE Francisca Genifer Andrade de Sousa² - UECE **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo biografar Maria Nadir Vieira Lemos destacando o seu protagonismo e pioneirismo no desenvolvimento educativo no distrito de Varjota entre 1970 e 1990. Fundamentou-se teoricamente na Nova História Cultural e na História Oral como metodologia, a partir da qual foram realizadas entrevistas livres com Dona Nadir Lemos, que foi a fonte primária da pesquisa. Os resultados apontaram para a importância da professora para o contexto educacional de Varjota e sua biografia como fonte de estudo de suma importância para compreender a conjuntura estudada. Verificou-se que a biografada foi protagonista da história da educação de Varjota, uma vez que teve papel fundamental na criação da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Luís Vieira da Mota, abrangendo as décadas de 1970 e 1990, sendo a professora pioneira daquela região interiorana que sofria com o abandono público.

PALAVRAS-CHAVE: Biografia; História de Mulheres; História educativa iguatense; História de Iguatu.

ABSTRACT

The present work aims to biograph Maria Nadir Vieira Lemos, highlighting her leading role and pioneering role in educational development in the district of Varjota between 1970 and 1990. It is theoretically based on the New Cultural History and Oral History as a methodology, from which they were carried out free interviews with Dona Nadir Lemos, who was the primary source of research. The results point to the importance of teacher for the educational context of Varjota and her biography as an extremely important source of study to understand the studied situation. It was found that the biographed woman was a protagonist in the history of education in Varjota, as she played a fundamental role in the creation of the Luís Vieira da Mota School of Early Childhood and Elementary Education, covering the 1970s and 1990s, being the pioneer teacher in that region countryside that suffered from public abandonment.

KEYWORDS: Biography; Women's History; Iguatuense educational history; History of Iguatu.

¹ Graduando em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará - UECE. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Funcap).

E-MAIL: ruan.bezerra@aluno.uece.br / ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8266-1607>.

² Doutora e mestra em Educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (PPGE/UECE). Professora do curso de Pedagogia (UECE), lotada na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Iguatu (UECE/FECLI).

E-MAIL: geniferandrade@yahoo.com.br / ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8280-3250>.

INTRODUÇÃO

A história da educação da Varjota (zona rural de Iguatu, cidade localizada na região centro-sul do Ceará), enquanto fonte documentada, é inexistente, tendo em vista que há, somente, uma breve contextualização histórica da criação da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Luís Vieira da Mota no seu Projeto Pedagógico (2022), mas não há menção às pessoas que estavam presentes nesse processo, para além do prefeito na época em que a escola foi construída; tampouco há menção aos percalços que ocorreram para que houvesse a referida instituição.

Sendo assim, houve a proposição de reconstituir e (re)escrever as memórias pertencentes a esse feito de idealização e construção da escola. Para tanto, decidiu-se utilizar da biografia por compreender que a biografia é uma fermenta privilegiada na reconstituição de uma época, uma vez que ela se mostra como meio de, a partir do particular, alcançar o universal (Dosse, 2009).

Considerando tal característica, e tendo em vista que são inexistentes documentações legais e escritos acadêmicos da época aqui retratada em Varjota, esse privilégio da biografia é acentuado, pois através da escrita sobre a vida e a trajetória educativa de um indivíduo, também serão ressaltados os aspectos macrosociais que situam a educadora ao longo do tempo, como particularidades econômicas, culturais e políticas da região, considerando que “a compreensão da sociedade de uma época em um dado lugar, através dos estudos biográficos, oferece a oportunidade de compreensão da ação social do sujeito em interação com as estruturas sociais” (Rodrigues, 2015, p. 63-64).

Com esse intento, o objetivo foi biografar Maria Nadir Vieira Lemos destacando o seu protagonismo e pioneirismo no desenvolvimento educativo no distrito de Varjota, entre 1970 e 1990. Portanto, elencou-se, inicialmente, a ex-professora Maria Nadir Vieira Lemos, doravante Dona Nadir Lemos, como é conhecida na Varjota, tendo como finalidade biografar a sua trajetória profissional, a fim de descortinar aspectos importantes na história da educação da Varjota, bem como trazer luz à sua trajetória desconhecida, visto que não há nenhuma menção de sua participação na trajetória da Escola Luís Vieira da Mota. A decisão de biografá-la é a conclusão de pesquisa prévia na localidade com outros moradores e, baseado nas suas falas, identificou-se que Dona Nadir Lemos seria a professora mais antiga que atuou na escola e que ainda estava em vida. A partir da entrevista, atestou-se que não somente esteve como professora na referida escola, como também protagonizou sua criação e esteve à frente como diretora.

Logo, o estudo trata de uma biografia da educadora aposentada Dona Nadir Lemos, com foco na sua carreira profissional, com recorte mais específico no período em que esteve à frente da criação e direção da Escola Luís Vieira da Mota, englobando o final da década de 1970 até o final da década de 1990, compreendendo desde a criação da escola até sair de seu cargo de diretora da escola.

O presente estudo mostra-se de grande relevância, pois quando pesquisado em plataformas de pesquisas científicas, como periódicos da Capes, SciELO e Google Scholar, nada é encontrado com relação a abordar de forma específica a história educativa iguatense, tampouco sobre a história da Escola de Educação Infantil e Ensino Fundamental Luís Vieira da Mota, localizada na Varjota ou que façam menções a Dona Nadir Lemos. Tal qual, na literatura disponível, somente foram identificados dois livros que se propõem a abordar a história geral de Iguatu, o livro Iguatu: história (1998), de autoria do Raimundo Batista Aragão, e o livro Iguatu: pelos novos caminhos da história 2, escrito pelo entusiasta e importante figura na conservação da história de Iguatu que, inclusive, participou da revisão do Livro de Aragão

(Verde, 2023, p. 352-354) o Wilson Holanda Lima Verde, os dois trabalhos foram pesquisados e referenciados no estudo, a fim de embasamento histórico. Sendo assim, esta pesquisa mostra-se uma importante adição ao escopo escrito na história de Iguatu.

Este artigo é um trabalho resultante da conclusão do projeto História educativa cearense, educadores e suas práticas; Parecer de nº 6.270.536, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE (CEP/UECE), e financiado pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP), em andamento desde agosto de 2023.

Para melhor compreensão, o trabalho está dividido em Introdução, metodologia utilizada na pesquisa, os resultados obtidos a partir da pesquisa, considerações finais dos autores e referências bibliográficas utilizadas para a construção da pesquisa e do presente artigo.

METODOLOGIA

O estudo é amparado teoricamente na corrente da Nova História Cultural, que defende um alargamento nos objetos de estudo (Burke, 2005), preconizando o enfoque em objetos antes sem visibilidade, como a história das mulheres, que não somente estão sendo acrescentadas à historiografia, mas tem como consequência toda a mudança de paradigma da história vigente, mudando conceitos antes absolutos (Burke, 2005). E, sendo um trabalho biográfico, com enfoque nos anos de atuação como professora de Dona Nadir Lemos, é possível identificar aspectos em seu relato que podem contribuir para os escritos históricos, bem como para a mudança de interpretação do que já está documentado.

O gênero biográfico, desde os primórdios, teve por objetivo transmitir valores reconhecidos como desejáveis na sociedade, preocupando-se apenas em relatar a vida de pessoas importantes na alta classe social, como reis e pessoas vistas como heróis (Dosse, 2009). Porém, a biografia foi incorporada e aceita nos meios acadêmicos a partir dos anos 1980, sendo reconhecida como uma fonte histórica e compromissada com o alargamento do saber sistematizado a respeito da História, sendo denominada Biografia Hermenêutica (Fialho; Sousa, 2022).

A biografia fornece “um acesso privilegiado para nos aproximarmos ao máximo da interioridade/exterioridade, do singular/geral, sendo, portanto, o que mais lembra o ideal impossível de globalidade” (Dosse, 2009, p. 344), reconhecendo a impossibilidade de contemplar todos os aspectos, a biografia é um meio de, do singular, desvelar o contexto geral de determinado segmento social.

A pesquisa foi desenvolvida metodologicamente através da História Oral (Meihy; Holanda, 2015), considerando os passos práticos da pesquisa, que se configuram em pesquisa prévia, tanto teórica, quanto prática para a decisão da biografada; Abordagem prévia da biografada, a fim de assegurar seu interesse em participar da pesquisa e assinatura do Termo de Consentimento de Livre Esclarecido (TCLE); Construção de roteiro contendo perguntas norteadoras, mas que permitissem a entrevista ocorrer de forma espontânea; Gravação de voz da entrevista, utilizando aplicativo de smartphone; Transcrição da entrevista na Íntegra, usufruindo de programa para computadores de construção de texto; Apresentação da transcrição da entrevista impressa, a fim de aprovação e assinatura de termo de validação da entrevista.

A História Oral configura-se como uma “alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos” (Meihy; Holanda, 2015, p. 19), quando a entrevista é gravada, torna-se documentação oral. Assim, a História Oral foi aqui utilizada para apreensão de

memórias que possibilitaram o estudo da vida e da sociedade no recorte temporal proposto para o estudo.

Em primeiro momento, identificou-se Dona Nadir Lemos através de relatos de residentes de Varjota, que afirmaram ser a professora mais antiga da escola ainda em vida. Após essa fase, Dona Nadir Lemos foi localizada e indagada sobre o seu desejo em participar da pesquisa no dia 24 de outubro de 2023, momento em que foi explicado a ela todas as características de um estudo acadêmico biográfico. Recebida a sua afirmativa, um roteiro-base, com questões norteadoras fora preparado, não buscando uma entrevista estática, mas que fornecesse uma experiência dinâmica para Dona Nadir Lemos por se tratar de uma entrevista livre.

Então, no dia 25 de outubro de 2023, por volta de 9:00 horas da manhã, ocorreu a entrevista gravada mediante aplicativo de smartphone, com duração de 1 hora, 02 minutos e 35 segundos. Após a entrevista, iniciou-se a transcrição na íntegra, via programa de criação de texto, através de computador pessoal, tendo este o objetivo de retornar a transcrição à entrevistada, pois, assim, como acordado no começo, nada seria divulgado sem a prévia autorização da entrevistada, conforme Meihy e Holanda (2015) discorrem.

Após a aprovação da transcrição e assinatura de termo para validar a entrevista, momento em que a entrevistada consentiu a utilização das suas narrativas nesta pesquisa, iniciou-se a procura por fontes documentais para embasar e contrastar com a entrevista, bem como a decisão de quais partes seriam usadas para a construção da pesquisa, sendo decidido pelo recorte em que Dona Nadir Lemos verbaliza acerca de sua experiência como diretora. Foi definido utilizar entre os minutos 20:00 e 1:02:35, abrangendo um pouco mais de 40 minutos de entrevista.

Ainda no que toca aos aspectos éticos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em pesquisa da Universidade estadual do Ceará (CEP/UECE), parecer de nº 6.270.536, e no ato das entrevistas a entrevistada assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e, posteriormente, o termo de validação das entrevistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Maria Nadir Vieira Lemos nasceu em Varjota, região rural situada a cerca de 6 km de distância do Centro de Iguatu, cidade do Centro-Sul cearense. Filha de pais naturais da mesma localidade e com outros 7 irmãos, Dona Nadir Lemos ajudou seus pais agricultores com a labuta do campo. Iniciou seus estudos com uma tia que atuava como professora em uma escolinha particular do bairro Varjota e, nesse processo, aprendeu a ler, escrever e resolver operações matemáticas básicas, fato que demonstra certo privilégio em referência aos seus contemporâneos por poder estudar e, acima de tudo, com uma tia, pois conclui-se que sua família já tinha acesso a um grau de escolarização, mesmo que fosse mínimo (Vieira, 2002).

Dona Nadir Lemos passou por três localidades a fim de concluir o ensino primário: Gameleira, Barreiras dos Paraibanos, lugarejos rurais e próximos à Varjota, e no extinto Colégio Adahil Barreto, no Centro de Iguatu. Eram todas, com exceção do Colégio Adahil Barreto, escolas isoladas que, segundo o Decreto-Lei de Nº 8.529, de 2 de janeiro de 1946 (Brasil), institui as escolas isoladas como instituições de ensino primário com apenas uma turma de alunos e um docente. Sendo assim, a formação de Dona Nadir Lemos foi fragmentada, porque não houve continuidade direta, tendo que se deslocar entre três localidades para poder cursar todo o primário, sendo que, segundo Verde (2023), já havia o Grupo Escolar de Iguatu desde 1925, instituição regulamentada pela mesma legislação (Brasil, 1946), que detinha todo o

ensino primário em sua completude. O Grupo Escolar era o destino certo dos filhos advindos das famílias abastadas da sede da cidade. Logo, o contexto educacional de Iguatu era marcado por uma contradição, uma vez que os moradores da zona urbana não precisavam deslocar-se em grandes distâncias a pé para poder estudar, podiam cursar todo o percurso inicial próximos às suas residências, enquanto os da zona rural enfrentavam essa dificuldade cotidianamente.

Em sua trajetória profissional, Dona Nadir Lemos atuou por muitos anos em uma comunidade chamada Barreiras dos Constantinos, quando assumiu o cargo como professora, ainda aos 18 anos, enquanto estava concluindo o ensino primário, mas não dispunha de espaço adequado, tendo que ensinar na casa de uma moradora, fato que revela como Iguatu possuía déficit de professoras normalistas aptas a atuar no ensino primário, principalmente em áreas rurais; assim, ocorrendo o movimento de professoras sem formação adequada ensinando em áreas mais distantes da sede urbana, ademais, sem fornecer instalações adequadas, acontecendo o processo educacional em locais insalubres, como na casa da moradora local.

Esse cenário no qual professoras iniciavam a profissão docente sem a formação adequada era comum não somente em regiões interioranas de Iguatu, mas tratava-se de um problema presente em todo o contexto educacional do Ceará durante o século XX, havendo, portanto, uma quantidade significativa de professoras leigas atuando em todo o ensino primário (Stascxak; Santana; Fialho, 2020). Tal situação perdurou por um longo período, dada era a dificuldade de formar docentes em nível médio, e por conseguinte, os municípios não exigiam a contratação de professoras devidamente formadas, como será problematizado adiante.

Após vários anos ensinando em Barreiras dos Constantinos, Dona Nadir Lemos encerrou a sua docência naquele lugarejo em face da distância entre a sua casa e a casa onde lecionava. Todavia, não encerrou a sua prática educativa, e passou a ser professora particular na sua própria residência, em Varjota. Acerca dessa transição, a biografada esclareceu que, no ano de sua saída, fora construída uma escola em Barreiras dos Constantinos, mas que não foi demitida, saiu por vontade própria e, inclusive, pediram para ela não sair de lá, fato que salientou com orgulho.

Então, no seu lugar de origem, Varjota, Dona Nadir Lemos começa a idealizar uma escola, junto a outras pessoas da região, conforme o relato:

Nós já fazia reunião com o pessoal de idade da Varjota. Tinha um Raimundo Alemão, que incentivou nós a fazer reunião que era para construir a escola. Todo pessoal de idade aqui nós convidava e botava o nome, isso tinha tudo nesta pasta. Foi na época que nós dissemos assim, nós vamos falar com o prefeito, “ah mas vocês não arranja nada não “Vamos assim mesmo. Pode ficarem certos de que nós vamos falar para construir essa escola”” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Portanto, ela foi uma das pessoas que se empenhou em buscar contato com o político local para que se tornasse possível a construção de uma escola na comunidade de Varjota, que era distante do Centro de Iguatu e que, por isso mesmo, dificultava o acesso à educação pelos residentes daquele lugarejo interiorano. Na narrativa anterior, Dona Nadir Lemos faz referência a uma pasta que continha dados dessas reuniões e demais eventos que posteriormente culminaram na criação da escola da Varjota, mas que fora perdida nas gestões posteriores à sua saída.

Essa falta de preservação de dados históricos prejudica todo o entendimento de como se deu esse processo de luta para construção da escola, porque as lembranças humanas não conseguem preservar em completude quais os agentes que estavam presentes nessa conquista;

por exemplo, Dona Nadir Lemos apenas se lembra de um senhor chamado Raimundo Alemão que estava presente nessas reuniões, mas conta que outras pessoas mais velhas também participaram, apesar de não recordar os seus nomes.

Na empreitada de conseguir levar uma instituição educativa para a Varjota, Dona Nadir e outra mulher chamada por ela apenas de Luizinha, que era sua prima, tomaram a frente desse movimento e decidiram falar com o prefeito de Iguatu nessa época, o bancário Elmo Moreno, prefeito entre 1977 e 1983 (Aragão, 1999). E assim, ao conseguir um diálogo com essa autoridade política, informou que a escola já teria um terreno destinado, que seria o terreno de seu avô, ao que o prefeito respondeu: *“Tu disse que teu avô dá o terreno”*. Eu digo: - *“Dá. Meu avô que já morreu, mas minha vó ainda é viva e ela disse que dá. Qualquer pessoa pra construir ela aceita, porque era o sonho do meu avô, era um colégio no terreno dele”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Quando conseguiram falar com Elmo Moreno, tiveram um impasse político com o prefeito:

“Tudo bem, onde é que vocês moram?” - “Nós mora na Varjota.” - “Vixe, mora na Varjota” (Demonstrando desagrado). Desse Jeito. Gostou nem um pouco. - “Você tem algo contra a Varjota?” Ele disse: - “Tenho. Oi, quando entrei na Varjota, o pessoal me acompanhou no carro e sai da Varjota todo apedrejado” Eu digo: - “Foi mesmo? Eu não sabia dessa” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

E sobre esse momento do diálogo, ela completa:

“Vamos amarrar a conversa, nós queremos falar com você, com o senhor, pra nós construir uma escola dentro Varjota no terreno do meu avô.” - “Seu avô tem terreno?” Eu digo: “Tem.” - “Deve ter sido lá onde eu passei - e foi mesmo -, era uma turma de mocinha correndo e jogando pedra.” “Doutor, mas o senhor viu se eu e essa senhora, essa mulher, jogaram pedra?” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Verifica-se que, por um percalço enfrentado pelo prefeito, então candidato a prefeito no tempo em que Elmo Moreno aborda, elas lidaram com o fato de o chefe político local não intentar atender a uma demanda educacional muito grande da região, visto que alguns indivíduos da Varjota ainda não dispunham de uma escola e tinham que se deslocar para outros sítios, pelo simples fato de ele não simpatizar com o ocorrido no seu período de campanha eleitoral. Isso demonstra um acontecimento comum ainda hoje, em que os políticos priorizam os investimentos naqueles lugares onde são apoiados pela população, e abandonam aqueles onde não encontraram muitos apoiadores, como se o seu mandato não fosse para todos os residentes do município (Sousa, 2023).

Ademais, antes mesmo desse momento com o prefeito, Dona Nadir Lemos e a prima Luizinha, já havia sido feita outra tentativa de falar com o prefeito anterior acerca da mesma pauta, o Antônio Adil Mendonça, que teve mandato compreendido entre 1973 e 1977 (Aragão, 1999), mas receberam uma negativa: *“Que criança, de gente pobre, não estudava não, trabalhava”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023), atitude elitista de um gestor que planejava manter o status quo da sociedade muito demarcada pela desigualdade social atenuada pela baixa escolarização da população, principalmente de regiões rurais.

Apesar disso, surpreendentemente ou não, ele conta com uma biografia na obra de Aragão, enaltecendo-o como um revolucionário na área da educação (Aragão, 1999), escrito revelador com relação às personalidades que são exaltados pela historiografia, mas que não tiveram papel ativo na democratização do ensino nem o queriam, como Adil Mendonça. Situação ocorrida com a personalidade em tela que deve ser explicitada e salientada no relato de Dona Nadir Lemos como um dos fatores para a tardia chegada de uma escola na Varjota.

Acerca dessa informação, ratifica-se o fato de a escrita da história, corriqueiramente, centrar foco em pessoas de posses, com visibilidade social avantajada e descendentes de famílias ilustres, a fim de preservar a sua história, inclusive, atribuindo-as feitos que, em verdade, não se concretizaram (Perrot, 2005). No caso anteriormente citado, a situação é ainda mais surpreendente por se tratar de um político que explicitamente se colocou contra a difusão da educação para a população mais empobrecida e longe dos centros urbanos e, ainda assim, ter a sua imagem associada ao desenvolvimento educativo da cidade de Iguatu.

Após informar ao então prefeito, Elmo Moreno, sobre esse impasse com Adil Mendonça, Dona Nadir Lemos e Luizinha continua: *“Mas nós ficamos com desgosto, mas quando você ganhou agora, nós dissemos a nossa solução é Elmo Moreno”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). O gestor político, por sua vez, respondeu: *“Tenho certeza de que se vocês tivessem jogado pedra no meu carro, vocês não tinham tido coragem de vir aqui não” - “E nós como professoras, qual era o exemplo que nós ia dar para os nossos alunos?”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Desta feita, certifica-se de que a imagem de uma professora é associada à de cidadãs que devem portar-se de tal forma que sirva como modelo pessoal para seus alunos, corroborando o que escreve Tardif (2014, p. 56) sobre como a identidade de uma professora “carrega as marcas de sua própria atividade, e uma boa parte de sua existência é caracterizada por sua atuação profissional”. Sendo assim, a sua visão de uma conduta correta enquanto cidadã é embebida de suas experiências profissionais, de modo que a imagem da professora não se separa da pessoa humana que age fora dos bancos da sala de aula.

Ademais, a imagem social da mulher educadora como alguém cujos comportamentos sociais são sempre exemplares é diretamente ligada à compreensão de que a docência aflora na mulher o que há de melhor na sua essência feminina; por isso, associar mulheres educadoras a um grupo que promove a desordem é, ainda hoje, um dado que causa surpresa, pois na sua gênese, as mulheres são formadas para serem dóceis e frágeis (Almeida, 1998). Além da imagem desvirtuada e preconceituosa, esse posicionamento coloca a mulher como incapaz de lutar e de promover mudanças sociais através das reivindicações do seu meio, como procedeu Dona Nadir Lemos ao lutar pela construção da escola da Varjota.

Com relação ao pedido da construção da escola, Elmo Moreno continua:

Eu vou construir o colégio de vocês e vai ser logo, logo. Que eu tô com uma firma aqui e vai terminar um serviço ali e eu vou construir. Eu tô vendo que vocês tão querendo ensinar e eu gosto de gente resolvida. Quando for domingo, 4 horas da tarde vocês estejam lá [Na Varjota, no terreno destinado à construção da escola]. Você pode até chamar gente lá (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Nota-se que, diferentemente do prefeito anterior, Adil Mendonça, Elmo Moreno comprometeu-se a atender às demandas educacionais da comunidade de Varjota e propiciou uma importante iniciativa para a democratização do ensino e sua universalização na região supramencionada. A priori, foram construídas duas salas de aula, dois banheiros, um depósito

e uma cozinha, e funcionava até a 4ª série da educação primária (ainda não era possível ensinar a 5ª série, pois não se tratava de um grupo escolar) (E.E.I.E.F. Luís Vieira da Mota, 2022).

Nos momentos iniciais após a construção da escola, Dona Nadir Lemos refere-se a si própria como “chefona” do colégio, em referência a ter ficado na direção e empregar os funcionários como queria: *“Eu coloquei todo mundo da minha família, quem não era merendeira, era professora”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Ou seja, assim como acontecia em Barreiras dos Constantinos, uma só pessoa ficou responsável por decidir quem iria ensinar, bem como tomar as demais decisões ligadas ao funcionamento da escola, que foi Dona Nadir Lemos. assim, diante das necessidades da escola, Dona Nadir Lemos e Luizinha iam até o então prefeito Elmo Moreno para informar e serem atendidas.

Destaca-se o fato de ser justamente Dona Nadir Lemos, uma mulher, a assumir esse cargo, que geralmente era ocupado por um homem. Tal fato explicita a importância dessa mulher para a matéria educativa da sua localidade, pois ela não apenas intermediou a construção da escola junto ao prefeito de Iguatu, como também ficou gerindo o estabelecimento educativo, já que atuava como gestora/diretora única. E, assim como ela salienta: *“Nós pegamos amizade com Elmo Moreno que vou dizer, nem todo mundo pobre, como nós éramos, arranjou amizade como nós”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Outro fato interessante a ser destacado é que ela tinha as necessidades da escola atendidas pela prefeitura (não se sabe se todas ou uma parte), o que demonstra a relação amigável que manteve com o prefeito da época.

Dona Nadir Lemos demarca seu relato com base nos mandatos dos prefeitos que se elegeram na época em que esteve à frente na direção da escola. Sendo assim, ela avança na sua entrevista até a fase de mandato de Elpídio Cavalcante, que teve seu mandato como prefeito entre 1983 e 1989 (Aragão, 1999). Ela conta como galgou melhor infraestrutura para a escola com Elpídio Cavalcante:

Quando Elpídio entrou (na prefeitura) o pessoal dizia “ah Elpídio não vale nada”, eu digo “Mas vai valer alguma coisa, que vou já atrás dele pra construir duas salas de aula”. [E ao procurar o prefeito] Elpídio: - “Como é a conversa, Nadir?” - “Quero duas salas de aula, que dizem que você não faz nada - “Quem é que diz isso?” Eu digo - “Todo mundo. Não precisa eu dizer o nome” - “Pois eu vou construir para eu mostrar pra esse povo” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Assim como o Projeto Pedagógico da Escola Luís Vieira discorre, ela [Dona Nadir Lemos] percebera que houve a “[...] necessidade de construir novas salas de aula para receber novas turmas, uma vez que o bairro vinha crescendo a casa ano” (E.E.I.E.F. Luís Vieira Da Mota, 2022, p. 07). E, como construiu bom relacionamento com o prefeito anterior, e atentando para o fato de que, se não confrontasse a gestão municipal pessoalmente, não haveria melhorias na escola, Dona Nadir Lemos aproxima-se do chefe político e faz reivindicações para que houvesse melhorias no ambiente escolar.

Elpídio Cavalcante acatou, porém Dona Nadir Lemos evidencia uma faceta distinta do referido gestor municipal: *“Sei que construiu, mas nem os professor ele pagava. Ele ficou devendo não sei quantos meses os professores”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Portanto, durante o seu mandato político, a prefeitura não cumprira as obrigações de pagar os salários dos professores, inclusive, o de Dona Nadir Lemos, mesmo que nas palavras dela era *“[...] a chefona do prefeito”*.

Dona Nadir Lemos prossegue acerca do seu relacionamento com o prefeito, e assevera que conseguia ter posse de alguns itens inacessíveis a outros professores de sua época: *“Tinha máquina de escrever, que era difícil, tinha caderno pra aluno, tinha tudo, o que vinha eu dizia eu quero isso, quero aquilo, quero aquilo, mas era lá do gabinete dele, quem não entrava, não pegava nada não, eu quem entrava à força”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Esse trecho torna explícito que, para além do salário dos educadores, a gestão era negligente com o fornecimento de materiais didáticos, sendo preciso que os gestores escolares fossem até a prefeitura e, de acordo com o relato de Dona Nadir Lemos, não era fácil conseguir tal feito, visto que afirmou entrar no prédio “à força”, o que pode sinalizar o empenho que ela fazia para contrariar as regras postas.

No seu relato, enquanto lembrava de situações anteriores, a biografada comentou uma situação ocorrida quando ainda atuava como docente em Barreiras dos Constantinos:

Que eu me lembre, eu vinha um dia, o caminhão parou para mim e perguntou “Quer ir? Vai para onde?”. “Ali pra Varjota”, “Quer ir?”, “Quero”. “O que é que vocês fazem aqui? Nós sempre passa aqui e vê vocês aqui.” Eu disse: “Sou professora.” Ai ele disse “Professora?” Eu disse “Sou.” “Já formada?”, eu digo “Não, só tenho o 5º ano.”. Nessa época, só tinha o 5º ano mesmo. Ai ele disse “Pois nunca diga que é professora, porque professora é aquela que é formada”. Aquilo me doeu. Olhei assim para ele e disse: “Pois se um dia você me ver, você vai ver como eu vou tá com o anel no dedo” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Em razão do sentimento negativo gerado por esse momento, no qual ela disse sentir dor por não ser uma professora com a instrução adequada e ser criticada por um estranho, Dona Nadir Lemos buscou formação no Curso Pedagógico da Escola Gov. Adauto Bezerra, primeira escola pública de 2º grau fundado em Iguatu, no ano de 1976 (E.E.M.T.I. Governador Adauto Bezerra, 2019), curso ofertado pela instituição na época em que era diretora na Escola Luís Vieira. Então, conciliou os seus estudos no curso pedagógico noturno com seu trabalho na gestão escolar e, assim, tornou-se normalista, ou seja, qualificada perante a legislação para atuar como professora (Araújo, 2015). Ressalta-se para o fato de a iniciativa ter partido dela, e não do município que deveria capacitá-la a estar como professora e diretora, o que demonstra o descompromisso da esfera pública para com a formação em serviço da classe docente.

Chamemos atenção, ainda, para o seguinte trecho, que trata da resposta de Dona Nadir Lemos ao motorista do caminhão *“Pois se um dia você me ver, você vai ver como eu vou tá com o anel no dedo”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). De acordo com Gondra e Schueler (2008), o ‘anel no dedo’, assim como o ‘diploma na parede’ eram símbolos de grande valia naquele contexto brasileiro do século XX, em face do prestígio social que ser formado em nível superior trazia para a imagem de si mesmo e da família. Então, esse símbolo ligado ao prestígio social à época, ganhou espaço e importância na vida da biografada, é tanto que ela buscou por conta própria o ensino superior e tornou-se normalista, formada pelo curso Normal Pedagógico.

Tal curso formativo de professores, principalmente voltado para mulheres, não era comum nos interiores mais afastados do país, pois primeiro as Escolas Normais foram implantadas nas capitais, e só mais tarde chegaram ao interior, e mesmo assim, não era todo lugarejo que contava com um estabelecimento educativo desse porte (Araújo, 2015). Esse dado revela que Iguatu era um grande centro urbano, pois assim como Juazeiro do Norte, que era um polo econômico mais desenvolvido, tinha uma Escola Normal no seu território.

E, ainda utilizando os mandatos de prefeitos como marcador temporal, ela continua explanando detalhes sobre a sua formação acadêmica, e do impasse que teve com o prefeito:

Foi na época de Hildernando; que Marcelo Sobreira (ex-prefeito), foi quem disse a Hildernando que estava para assinar nossos contratos, para nós subir de cargo, e o Marcelo disse a ele: “Não, a formatura delas foram por correspondência, não é terminado”. Aí, nós fizemos mais dois anos aqui no Amélia Figueiredo (atual E.E.E.P Amélia Figueiredo de Lavor) para poder assinar [o contrato]. E nessa época ele não assinou mais, ainda hoje tenho raiva de Marcelo Sobreira por isso (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Dona Nadir Lemos afirma ter feito esse curso superior a distância na Escola Amélia Figueiredo, e complementa: “Eu fiz a pós-graduação, lá mesmo, foi logo terminando e fazendo a pós-graduação” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Então, ela deu continuidade à sua trajetória formativa para a docência já com a formação continuada no mesmo local, enfatizando ser tudo pago por ela própria. Esta feita foi instruída pela nova gestão municipal. Hildernando exerceu seu segundo mandato entre os anos de 1997 e 2001, época contemporânea à publicação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996 (Brasil, 1996), lei que instituiu a graduação em curso superior como a formação mínima necessária para atuar nas séries iniciais, e ainda determinou que o município deveria criar programas de capacitação para os professores em exercício, e para tanto, poderia utilizar-se da educação a distância (Brasil, 1996).

Tais exigências legais reverberaram no cargo de Dona Nadir Lemos, pois sem a graduação, ela poderia ensinar somente a educação infantil, tendo em vista ser formada apenas como normalista. Sendo assim, o município a instruiu a procurar formação em nível superior e formou turmas, assim como ela esclarece: “Era uma turma. Era muita gente. Era a Maria, a Selma [...], acho que a Luizinha também. Quem era professora, tinha que se formar” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Portanto, como dito antes, a biografada não apenas se formou em nível superior, como seguiu a trajetória acadêmica, concluindo uma pós-graduação no mesmo processo de educação a distância.

Dona Nadir Lemos afirma que a formatura também influenciaria no salário que ganhava até então, pois, após a graduação, receberia um contrato e passaria a ganhar mais por seu trabalho, mas de acordo com seu relato supracitado, não recebera o referido contrato e continuou a adquirir o mesmo quantitativo. Ela não assinou o contrato que mudava a sua posição na docência porque o prefeito questionou o fato de a formatura dela ter acontecido via correspondência, o que era comum naquele cenário interiorano cearense dada a distância da capital e de outros grandes centros urbanos (Sousa, 1961).

A biografada conta que saiu do cargo de diretora durante o mandato político de Hildernando, e afirma que, como já estivera atuando como docente durante 20 anos, ela “tinha direito a ensinar só duas horas” (Dona Nadir Lemos, 25 de outubro de 2023), e completa: “eu fiquei ensinando só a 4ª série, matemática” (Dona Nadir Lemos, 25 de outubro de 2023), demonstrando assim, que depois de certo tempo, deu preferência a deixar a direção e focar exclusivamente na docência em sala de aula, tal como no início da sua trajetória na educação.

Acerca do salário recebido durante o tempo em que esteve atuando como diretora e como professora em outro município, Quixelô, uma cidade vizinha a Iguatu: “lá era um salário e aqui era pouco, eu ganhava um salário, porque eu era a diretora” (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023). Com essa fala, ela salienta, mais uma vez, o baixo salário de professora, expondo sua insatisfação nesta esfera do fazer docente no município de Iguatu. Com esse enunciado, desvela-se um aspecto muito importante: que Iguatu desvalorizava seus professores, pagando

menos de um salário na época para as professoras, período aqui não especificado por Dona Nadir Lemos, enquanto a cidade vizinha, que era menos desenvolvida, remunerava melhor os docentes.

Essa é uma problemática que atravessa toda a história do magistério, principalmente quando se trata dos anos iniciais no período em tela, pois, com a ausência de um piso salarial determinado nacionalmente, cada município pagava aos professores o que podia ou queria, havendo grandes diferenças entre os salários dos professores brasileiros (Gondra; Schueler, 2008). Esse cenário começou a mudar depois de 2006, quando o Governo Federal instituiu o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), que repassava um montante financeiro para que os municípios pudessem pagar aos professores conforme as suas titulações acadêmicas.

Dona Nadir Lemos, ao ser indagada sobre as metodologias de ensino que aplicava e, especificamente, com uma turma de 2º ano na época que atuou como professora no município de Quixelô, descreveu alguns métodos que utilizava:

A coisa que eu achava melhor quando eu dizia assim “vem ler”, aí eles [os alunos] dizia “sei ler não”. Pois você vai aprender agora mesmo. “Que letra é essa daqui?”, aí mostrava, cortava, fazia em casa. Fazia o B e A, BA, o L e O, LO, o L e A, LA, bola, bala. Aí dizia assim: “Tu não conhece nenhuma letra dessa? Tem o B e o tem o A, como é que se diz? “ba”, “procure a palavra bola aí”, aí dizia: “se eu colocar ba, bo, aí forma bola, né tia?” Aí eu dizia “procure que você não sabe se forma”. Aí era assim, a coisa mais fácil de ensinar, a aprender a ler. Se a professora não ensinar do que eles gostam... (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Portanto, em suas práticas docentes voltadas para a alfabetização, Dona Nadir Lemos ensinava partindo do método silábico, e seguindo para a formação de palavras, caminho que ela julgava muito fácil, é tanto que a maior parte dos seus alunos aprenderam a ler, conforme narrativa:

Só uma pessoa que nunca aprendeu, aí eu achava engraçado eles, porque ele incentivava, “tia vai ensinar a ler, vamos ver quem vai procurar mais palavra”, eu disse: “jogue no chão aí as palavras e vão procurar, depois eu passo procurando quem aprendeu e quem ganhou mais.” “E o que nós ganha?” “Um picolé”. Eu levava as coisas para eles, tem que levar, tem que incentivar aqueles alunos na escola (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Nota-se que o seu feito educativo era marcado pela adoção de reforço positivo, que segundo Skinner (2003), trata-se do emprego recorrente de recompensas aos alunos para estimular um determinado resultado que se julga positivo. Essa foi, e continua sendo, uma prática bastante usual na educação brasileira, oriunda dos conhecimentos da Psicologia da Educação, que à época já fazia parte do currículo formativo dos professores, mas não se sabe se Dona Nadir Lemos aprendeu essa prática nos seus estudos, ou a incrementou por iniciativa própria. E, segundo Libâneo:

Uma boa parte dos professores, provavelmente a maioria, baseia sua prática em prescrições pedagógicas que viraram senso comum, incorporadas quando de sua passagem pela escola ou transmitidas pelos colegas mais velhos;

entretanto, essa prática contém pressupostos teóricos implícitos (Libâneo, 1985, p. 03).

Considerando o pensamento de Libâneo (1985), e considerando o fato de que Dona Nadir Lemos começou a sua atuação docente quando ainda cursava o Ensino Primário, esse quadro de suas práticas serem baseadas no que ela acreditava ser papel da professora, ou de ter como referência suas experiências como aluna, é reforçado. Porém, ainda assim, a sua prática é permeada por pressupostos teóricos, e ao discorrer sobre a sua experiência em sala de aula e as estratégias didáticas que utilizou na aprendizagem do alunado, Dona Nadir evidencia que era atravessada pela tendência Liberal Renovada Progressivista, cujo papel da escola envolve permitir ao aluno educar-se através de um processo ativo de construção, bem como o conhecimento sistematizado resultaria a partir dos interesses do alunado (Libâneo, 1985).

Posto isso, quando Dona Nadir exalta o interesse dos alunos como ponto de partida na elaboração das estratégias didáticas que fomentam o aprendizado, há um desvio da Pedagogia Tecnicista, tendência hegemônica no contexto educacional durante a época em que Dona Nadir atuou no século passado, nos anos 1970 e 1980, principalmente (Saviani, 2013). Essa tendência visava à preparação para o mundo do trabalho, inclusive, com reverberação no comportamento dos alunos, atuando em sistema educacional racional e eficiente que seria capaz de “[...] minimizar as interferências subjetivas que pudessem pôr em risco sua eficiência” (Saviani, 2013, p. 382.). Em outras palavras, tanto o aluno, quanto o professor não deveriam envolver as suas subjetividades no processo educativo, pressuposto que Dona Nadir Lemos opõe-se no seu relato, ratificando no seguinte fragmento: *“Se a professora não ensinar do que eles gostam”* (Dona Nadir, 25 de outubro de 2023).

Portanto, a professora ora biografada apresenta grande relevância para o desenvolvimento educativo de Iguatu, tendo atuado durante muitos anos e encabeçado a criação da escola do distrito de Varjota, todavia, ela é pouco conhecida no âmbito municipal, pois muitos desconhecem a sua história no campo da educação. Sobre essa conjuntura, é importante ressaltar que foram localizadas, durante as buscas por fontes documentais, uma variedade de biografias de educadores iguatenses que Aragão (1999) e Verde (2023) teceram em suas obras, anteriormente citadas, pois esses escritos deixam claro que, mesmo as mulheres de famílias mais abastadas tinham um destino certo: o curso normalista e a carreira como professora da educação básica, perdendo o posto para os homens quando se referia ao sistema educacional de nível médio, como explicitado no quadro de professores da Escola Normal Rural Santana, cujo quadro continha quantitativo inexpressivo de professoras (Verde, 2023). Nessas duas obras, pouco é falado das professoras originárias e atuantes na zona rural, tal qual Dona Nadir Lemos, que tiveram papel fundamental no processo de melhoria e avanço educacional nessas regiões que o próprio sistema educacional foi falho em nivelar o acesso à educação que existia nas regiões urbanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho de cunho biográfico teve por objetivo biografar Maria Nadir Vieira Lemos destacando o seu protagonismo e pioneirismo no desenvolvimento educativo no distrito de Varjota entre 1970 e 1990. Tal iniciativa permitiu desvelar aspectos concernentes à vida de Dona Nadir Lemos e, a partir disso, problematizar e descortinar o contexto educacional da região interiorana de Varjota e Iguatu. A pesquisa abrange a segunda metade do século XX, mais precisamente entre a década de 1970 até o fim do século, pois foi o período de construção da escola; assim, foram cerca de 20 anos que Dona Nadir Lemos esteve à frente da

direção da Escola Luís Vieira da Mota, tempo expressivo, mas não há menção de sua participação em nenhum escrito acadêmico, tampouco no Projeto Pedagógico na escola, o que torna o presente trabalho de grande relevância.

A biografada tornou-se professora quando ainda estava no percurso do ensino primário, aos 18 anos; sendo assim, tecnicamente, não estava capacitada para assumir tal função. Porém, o contexto educacional de Iguatu necessitava de docentes que atuassem nas zonas rurais e, pelo fato de a administração pública não conseguir fomentar a formação de acordo com a demanda, pessoas sem a formação de normalista atuavam nesses lugarejos. Entretanto, Dona Nadir Lemos fez o curso normalista quando se tornou diretora da Escola Luís Veira na Varjota, e na posteridade graduou-se em curso superior e alçou a pós-graduação.

Analisando a sua trajetória na educação, verifica-se que Dona Nadir Lemos começou de forma não recomendada pelos documentos legais, mas depois alcançou a formação necessária, e até além para atuar como docente, como também teve protagonismo na criação da escola da Varjota, tendo sido ela e uma prima a confrontarem o prefeito vigente e continuarem com tais ações com os prefeitos nos anos seguintes a fim de buscar melhorias e ampliação para a escola. É perceptível a sua importância para o contexto histórico educativo de Varjota, porque as suas investidas conseguiram a construção de uma escola em um lugarejo onde não havia escolas e seus moradores eram obrigados a deslocarem-se a outras localidades para poderem cursar o ensino primário.

A partir da biografia da educadora em tela, tornou-se possível vislumbrar aspectos centrais de como se deu toda a situação da educação em Iguatu durante o período abordado, a exemplo do desinteresse das gestões em construir uma escola na Varjota que visasse a contribuir para os seus conterrâneos estudarem, mas como é visto atualmente, para além de alunos residentes de Varjota, atende crianças e adolescentes de Barreiras dos Constantinos, Barreiras dos Pinheiros, Sítio Recreio, Riacho Vermelho, dentre outras localidades.

Além disso, também foi possível atestar a dificuldade de conseguir materiais didáticos para as aulas ocorrerem, tendo que Dona Nadir Lemos confrontar os prefeitos para conseguir tais materiais. Ademais, torna possível averiguar a mudança de paradigmas quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) fora promulgada em 1996, Dona Nadir Lemos foi instruída pela gestão municipal a graduar-se e pós-graduar, porém após todo esse processo formativo, optou por abdicar de seu cargo de gestão e continuar sendo professora de matemática.

Analisar a biografia de Dona Nadir Lemos é imprescindível para entender toda a conjuntura da educação na Varjota, seu protagonismo e pioneirismo em barganhar a construção da escola ainda presente, e tomando posição de gestão escolar, são partes intrínsecas na história da educação da Varjota e que devem ser vislumbradas para agregar na historiografia e na compreensão do contexto educacional de Iguatu durante o século XX.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

ARAGÃO, Raimundo Batista. **Iguatu: História**. Fortaleza: Copcultura, 1998.

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional Escola Normal Rural Cearense chega ao Bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958-1950).** Fortaleza: Edições UFC, 2015.

BRASIL. **Decreto-Lei Nº 8.529, de 2 de Janeiro de 1946.** Institui as Leis Orgânicas sobre o ensino primário. Rio de Janeiro: Diário Oficial da União, 1946. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-8529-2-janeiro-1946-458442-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: MEC, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.html. Acesso em: 04 jun. 2024.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico: escrever uma vida.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009

ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL LUÍS VIEIRA DA MOTA. **Projeto Pedagógico.** Iguatu, 2022.

ESCOLA DE ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL GOVERNADOR ADAUTO BEZERRA. **A Escola.** 2019. Disponível em: <https://escolaadautobezerraiguatu.blogspot.com/p/escola.html>. Acesso em: 08 jun. 2024.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SOUSA, Francisca Genifer Andrade. História da Educação, escrita biográfica e possibilidades de orientação prática. In: SANTOS, Ane Luíse Silva Mecenas; FERRONATO, Cristiano de Jesus (Orgs.). **Tecendo fios e entrelaçando ideias: história, memória e educação.** Aracaju: Criação Editora, 2022.

GONDRA, José Gonçalves; SCHUELER, Alessandra. **Educação, poder e sociedade no Império brasileiro.** São Paulo: Cortez, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências Pedagógicas na Prática Escolar. In: LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** São Paulo, SP: Ed. Loyola, 1985.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** 2. ed, São Paulo: Contexto, 2015.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história.** São Paulo: EDUSC, 2005.

SAVIANI, Dermeval. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil.** 4. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SOUSA, Francisca Genifer Andrade de. **Reminiscências sobre as condições educativas no interior cearense a partir das docências de Marieta Benício e Maria José de Sousa (1936-1984).**

2023. 193f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2023.

SOUSA, Joaquim Moreira de. **Sistema Educacional Cearense**. Recife: MEC/INEP, 1961.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

STASCXAK, Francinalda Machado; SANTANA, Juliana Silva; FIALHO, Lia Machado Fiuza. A Licenciatura em Pedagogia em Regime Especial da Universidade Estadual Vale do Acaraú: narrativas das professoras egressas. **Revista Contexto & Educação**, [S. l.], v. 38, n. 120, p. e11646, 2023. DOI: 10.21527/2179-1309.2023.120.11646. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/11646>. Acesso em: 20 set. 2024.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 17 ed. Pétropolis: Vozes, 2014.

VERDE, Wilson Holanda Lima. **Iguatu: Pelos Novos Caminhos da História**. 2. ed. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2023.

| Submetido em: 01/11/2024

| Aprovado em: 08/01/2025

| Publicado em: 31/03/2025